

As mulheres em peregrinação aos lugares santos no século IV

Women on pilgrimage to the holy places in the 4th century

Marcelo Massao Osava

Resumo

O costume de realizar peregrinações a lugares considerados santos, ou com uma considerável importância para determinado grupo de pessoas, é uma prática desde tempos antigos. Os motivos para empreender uma viagem a tais lugares eram diversos, mas não restam dúvidas de que o teor religioso estava presente na maioria dos casos. Alguns locais eram destinos certos para aqueles que desejavam fazer uma peregrinação levados pela fé. Jerusalém, por exemplo, sobretudo a partir da liberdade religiosa concedida pelo imperador Constantino, no século IV, era um local bastante concorrido e, não por acaso, é o que melhor representa os lugares santos para visitação. Uma das mais antigas peregrinações foi realizada por Jerônimo e Paula, por volta do ano 385. O movimento de peregrinação em si não é o que mais chama a atenção, pois o que merece destaque é o fato da presença de várias mulheres dispostas a percorrer longas e perigosas rotas de viagem. Este artigo irá enfatizar uma peregrinação a Jerusalém, realizada por uma mulher, conhecida como Egéria ou Etéria, em torno dos anos 381-384, quando deixou registrado em um diário tudo o que presenciou naquela viagem.

Palavras-chave: Egéria. Mulheres. Peregrinação. Lugares santos. Jerusalém.

Abstract

The custom of making pilgrimages to places considered holy, or of considerable importance to a certain group of people, has been a practice since ancient times. The reasons for undertaking a trip to such places were diverse,

but there is no doubt that the religious content was present in most cases. Some places were certain destinations for those who wished to make a pilgrimage led by faith. Jerusalem, for example, especially since the religious freedom granted by the emperor Constantine in the 4th century, was a very popular place and, not by chance, it is the best place to represent the holy places for visitation. One of the oldest pilgrimages was carried out by Jerome and Paula around the year 385. The pilgrimage movement itself is not what draws the most attention, because what deserves to be highlighted is the fact of the presence of several women willing to travel long and dangerous travel routes. This article will focus on a pilgrimage to Jerusalem made by a woman, known as Egeria or Etheria, around the years 381-384, when she recorded in a diary everything she witnessed on that trip.

Keywords: Egeria. Women. Pilgrimage. Holy places. Jerusalem.

Introdução

As peregrinações aos lugares santos fazem parte da história do cristianismo. Ao longo dos tempos, os fiéis empreenderam viagens, na maior parte das ocasiões, com um sentido religioso, ou seja, as iniciativas tinham como principal objetivo proporcionar aos peregrinos uma experiência espiritual, seja a partir de algum local como, por exemplo, o Santo Sepulcro em Jerusalém, ou a partir do contato com alguma relíquia como, por exemplo, um pedaço da cruz de Jesus Cristo. Jerusalém era, sem dúvida, o ponto central em relação aos acontecimentos que marcaram a história da salvação, “atraindo todos que tinham condições de se deslocar e principalmente uma grande vontade de tocar e ver com os próprios olhos o cenário onde se desenrolou o processo da construção da fé cristã”.¹ Independentemente da motivação de cada um que se dispunha a partir em peregrinação, o fato é que as viagens aconteceram, a partir de um determinado período, de uma forma quase sistemática. Nesse contexto, podemos destacar a importância histórica de duas mulheres, que não só abriram o caminho para outros, mas também serviram de inspiração e exemplo, a saber: Helena, mãe do imperador Constantino, e Egéria.

A primeira foi a responsável em desbravar os lugares santos e iniciar o processo de descoberta e construção de algumas Igrejas e, com quase 80 anos

¹ ALMEIDA, R. S., *Voices femininas no início do cristianismo*, p. 309.

de idade, “organizou uma expedição arqueológica à Palestina – uma das primeiras tentativas verdadeiras de arqueologia registradas – e preparou-se para fazer algumas escavações”.² A segunda, por sua vez, deixou registrado, em um diário de viagem, todos os passos de sua peregrinação a Jerusalém, indicando, com ricos detalhes, várias informações relevantes para os que desejassem trilhar os mesmos caminhos. A partir da narrativa de Egéria, também encontraremos preciosas informações a respeito de como acontecia a celebração da liturgia em Jerusalém, no século IV. De acordo com Salisbury, “por meio de suas viagens Egéria estava reivindicando o passado bíblico e transformando-o em parte tangível da sua própria experiência”.³

1. Helena, mãe do imperador e peregrina

Apresentar um panorama histórico sobre as peregrinações a Jerusalém não é uma das tarefas mais complexas do ponto de vista documental. Desde tempos remotos, é possível encontrar registros de pessoas que caminharam rumo ao território mais sagrado para os cristãos, ou seja, aqueles locais pisados por Jesus Cristo. Eusébio de Cesareia (séc. IV) foi quem utilizou, pela primeira vez na história, a expressão “lugares santos” com o intuito de demarcar especificamente aquela região.

Designar os lugares em que se relatam os acontecimentos do Novo e do Antigo Testamento, e nos quais se conservam os restos mortais de mártires cristãos. Nesses locais foram edificados santuários para receber relíquias de mártires, os quais, em seguida, passaram também a servir de habitação para monges e, posteriormente, também abrigaram seus túmulos. Pouco a pouco, os cristãos começaram a fazer um inventário dos lugares santos e construíram igrejas e oratórios, para que pudessem venerar assiduamente os mártires.⁴

De acordo com Coelho, “a prática da peregrinação a Jerusalém está precocemente documentada. Por volta do ano 160, é conhecida a estada na Terra Santa de Militão de Sardes, que buscava localizar os lugares sagrados à luz das Sagradas Escrituras”.⁵ Porém, de forma sistemática, ou organizada, as peregrinações aos lugares santos podem ter começado por causa de uma

² AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 120.

³ SALISBURY, J. E., *Pais da Igreja, virgens independentes*, p. 134.

⁴ MARTINS, M. C. S., *A peregrinação de Egéria no contexto cultural das peregrinações aos lugares santos no século IV*, p. 31.

⁵ COELHO, F. M., *Viagem e peregrinação na Antiguidade Tardia*, p. 355.

tragédia familiar, a partir da iniciativa de Helena, mãe de Constantino. Fausta, uma das esposas do imperador, teria cometido adultério com Crispo, o próprio filho mais velho do seu marido. Com a descoberta da traição, os dois foram assassinados por ordem de Constantino. Helena, ao tomar conhecimento de tal tragédia, ficou bastante abalada e tomou a decisão de ir, em peregrinação, até Jerusalém com duas intenções, a saber: ficar mais próxima de Cristo e, sobretudo, rezar implorando misericórdia para o filho, tendo em vista o ato que havia cometido. Porém, não é descartada a possibilidade de Helena ter assumido, pelo menos em sua consciência, um pouco da culpa pelo crime do filho e, por isso, tenha partido em peregrinação:

Todas as aparências são as de uma expiação. Muito pouco depois de Fausta ter sido assassinada, a velha Augusta embarcou, com certeza em Nápoles, para a primeira peregrinação feita por um grande da terra. Julgaria ela não estar isenta de responsabilidade na decisão assassina? Queria implorar para si e para o filho a suprema misericórdia nos próprios lugares onde Deus se fizera carne? Sendo já certamente cristã – embora não se possa dizer há quanto tempo –, Helena era ainda aquela mulher enérgica que nem os azares da fortuna nem as duras provações tinha conseguido abater e que dera a seu filho o melhor da força que trazia no seio. Tinha então 78 anos.⁶

Outras fontes como, por exemplo, o historiador grego Sócrates Escolástico, nascido no ano 380, na cidade de Constantinopla e contemporâneo de Teodoro de Ciro, que talvez seja o responsável em fazer o relato mais completo a respeito da descoberta por Helena da cruz de Cristo, defendem a ideia de que ela foi conduzida por Deus em um sonho até Jerusalém: “Helena era a mãe do imperador; quando esse transformou em cidade o antigo vilarejo de Drepano, deu-lhe o nome de Helenópolis, em homenagem a ela. Conduzida por Deus em um sonho, ela foi a Jerusalém”.⁷

Ao chegar a Jerusalém, Helena ficou decepcionada com o estado em que se encontrava a cidade, pois até o próprio nome tinha sido alterado para *Aelia Captolina*, a Jerusalém romana. Os deuses romanos, Júpiter, Juno e Minerva, tinham ocupado um lugar de destaque. Ela não imaginava que seria tão difícil encontrar, exatamente naquelas terras, vestígios da vida de Cristo. O templo de Jerusalém também já havia sido destruído. Diante de tanta expectativa criada por Helena, o cenário encontrado era bastante desolador.

⁶ ROPS, D., *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, p. 417.

⁷ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 122.

Em 326, quando Helena a visitou, Jerusalém estava quase irreconhecível: tinha sido destruída no fim da Guerra Judaica, no ano 70, e outra vez meio século mais tarde, na revolta de Bar-Kochba. Os lugares santos haviam sido eliminados e um templo de Vênus fora erguido no local do túmulo de Cristo. Helena mandou demolir o templo e supervisionou a escavação do lugar.⁸

Além de ter sido uma das primeiras peregrinas rumo a Jerusalém, Helena também contribuiu para o começo da veneração das relíquias sagradas. Conforme Martins, “é em torno das relíquias que se dão os lugares de peregrinação, e os elementos materiais que constituem uma relíquia são os ossos de um mártir ou qualquer outro objeto relacionado a ele”.⁹ De acordo com a narrativa de Sócrates Escolástico, ela teria encontrado, por exemplo, os cravos utilizados no processo de crucificação de Jesus, uma parte da túnica utilizada por ele antes de ser crucificado, e, até mesmo, um fragmento da manjedoura. Um dos maiores feitos, atribuídos a Helena, é a descoberta do que teria sido a cruz de Cristo.

Ela procurou cuidadosamente o túmulo de Cristo, do qual ele ressuscitou depois de sepultado e, depois de muitos contratempos, o encontrou (...). Depois da paixão de Cristo, os que abraçaram o cristianismo veneraram muito esse túmulo. Mas os que odiavam o cristianismo cobriram o local com um monte de terra e construíram um templo de Vênus sobre ele. Isso durou bastante tempo, até chegar aos ouvidos da mãe do imperador. Ela mandou desmontar a estátua, retirar a terra e limpar completamente o terreno. No túmulo, ela encontrou três cruzes. Uma delas era a cruz bendita, na qual Cristo foi suspenso; nas outras duas cruzes, os dois ladrões crucificados, que com ele tinham morrido.¹⁰

Em Jerusalém, Helena também é lembrada por ter encontrado a gruta da Natividade e até mesmo o lugar da ascensão de Jesus.¹¹ Ela, no período em que esteve em Jerusalém, tomou a iniciativa de mandar construir várias igrejas, como, por exemplo: a Basílica da Anunciação, a Basílica da Natividade, o Santuário de São Lázaro, a Igreja do Santo Sepulcro. É relevante destacar que, de acordo com Almeida, “estas construções grandiosas fizeram com que a Terra

⁸ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 121.

⁹ MARTINS, M. C. S., *A peregrinação de Egéria no contexto cultural das peregrinações aos lugares santos no século IV*, p. 32.

¹⁰ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 122.

¹¹ LOPES, G., *Pilares da Igreja*, p. 126.

Santa se tornasse um importante centro de peregrinações cristãs”.¹² Eusébio de Cesareia (séc. IV), na obra “Vida de Constantino”, deixou documentado que a mãe do imperador exaltava com sublimes edifícios a memória da subida aos céus do Salvador, no Monte das Oliveiras.¹³ Deste modo, Jerusalém vai se tornar, aos poucos, um dos principais locais para as peregrinações da fé, pois qual cristão não queria ter a oportunidade de ver com os próprios olhos, e até mesmo ter um contato físico com o local onde nasceu, viveu, morreu, ressuscitou e subiu aos céus, Jesus Cristo?

A história de Helena abriu o caminho para que outras pessoas também começassem a empreender viagens até Jerusalém. Conforme Aquilina e Bailey:

A história de Helena tornou-se um dos contos cristãos favoritos. Não era apenas a história de Helena; era a história que contava o que uma mulher podia fazer. Helena não só se saiu bem em sua expedição: serviu de exemplo, ou podemos dizer que começou uma tendência. Sua peregrinação pública incentivou inúmeras outras mulheres a fazer peregrinações semelhantes.¹⁴

Jerônimo, no final do ano 385, partiu em peregrinação de Antioquia para Jerusalém, e teve ao seu lado a presença de três mulheres, a saber: Paula, sua filha Eustóquia e uma dama de companhia das duas. A viagem está registrada na epístola 108 de Jerônimo.

Jerônimo foi forçado, em agosto de 385, a deixar a cidade de Roma e a voltar a Antioquia, onde estava vinculado ao bispo Paulino. Paula foi ao seu encontro, após alguns dias e, no final de 385, de lá partiram a Jerusalém e empreenderam a visita a todos os Lugares Santos da Palestina e do Egito. Na volta, estabeleceram-se em Belém, onde passariam o resto de suas vidas, no comando de mosteiros (um masculino, liderado por Jerônimo; outro feminino, por Paula) que tinham fundado com os recursos patrimoniais de Paula.¹⁵

Conforme Aquilina e Bailey, “mulheres de todas as províncias queriam ver os lugares sagrados: principalmente os lugares da Palestina, mas também os túmulos e monumentos dos mártires em todo o Império”.¹⁶ Dentre as outras

¹² ALMEIDA, R. S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 293.

¹³ EUSEBIO DE CESAREIA, *Vida de Constantino*, III, 43.

¹⁴ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 135.

¹⁵ MARTINS, M. C. S., *A peregrinação de Jerônimo e Paula*, p. 207.

¹⁶ AQUILINA, M.; BAILEY, C., *Madres da Igreja*, p. 135.

mulheres, que seguiram o mesmo caminho de Helena, e das amigas de Jerônimo, ganhou notoriedade uma peregrina chamada Egéria.

2. A peregrina Egéria

Conhecer um pouco mais sobre as primeiras peregrinações aos lugares santos é voltar ao passado acompanhado por grandes personalidades e, certamente, as mulheres têm um lugar relevante neste percurso. Quem se propõe a tal pesquisa, certamente, em um determinado momento, deparar-se-á com uma das mais conhecidas peregrinações que foram registradas pela história, realizada por uma, talvez, espanhola, conhecida como Egéria ou Sílvia Etéria, entre os anos 381-384. São muitas as especulações a respeito da identidade real da autora, sua origem, sua condição social e econômica. Alguns estudiosos, por exemplo, chegaram a apontar que ela seria filha do grande imperador Teodósio, mas tal afirmação não obteve sustentação. Provavelmente, através de alguns indícios, Egéria deveria fazer parte da aristocracia, sobretudo levando-se em consideração o tratamento que ela recebeu das autoridades, tanto civis quanto eclesiásticas, ao longo de sua viagem. “Mas, a partir dali, nós já dispensamos os soldados que nos ofereceram auxílio por conta da disciplina romana durante todo o tempo em que andamos por lugares perigosos”.¹⁷ Em outro trecho ela relata: “Neste percurso, pois, os santos que estavam conosco, isto é, clérigos ou monges, mostravam a nós cada um dos lugares que eu sempre requeria, conforme as Escrituras; de fato, uns ficavam à esquerda, outros à direita, em relação ao nosso caminho”.¹⁸

O seu diário de viagem é uma joia deste tipo de gênero literário. “Trata-se efetivamente de uma peregrinação, narrada quase como um diário de viagem, cuja motivação religiosa é bastante clara”.¹⁹ Por causa da maneira como realizara a sua viagem, indo de um local santo para o outro, alguns autores comparam a sua metodologia com um pacote turístico.

Mulher independente e audaz, ia de um lugar sagrado a outro como se fosse uma turista, decidindo sozinha aonde ir e quanto tempo ficar. A diferença entre os turistas contemporâneos e ela é que aqueles querem conhecer apenas os locais

¹⁷ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 95.

¹⁸ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 89.

¹⁹ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 22.

famosos, e esta não estava interessada somente nos locais, mas na igreja local, sua religiosidade e modo de vida.²⁰

O fato de os passos da peregrinação terem sido escritos por uma mulher eleva ainda mais a consideração devida à obra.

Trata-se da descrição de uma peregrinação pela Palestina, escrito por uma dama nobre, monja, no sentido entendido no século IV, de mulher que vivia num círculo ascético como o conhecido pelas cartas de Jerônimo. O Itinerário é escrito em forma de carta a suas caríssimas irmãs na pátria. O texto foi encontrado por Gumurrini, em uma biblioteca em Arezzo, em 1884 e publicado em 1887.²¹

Egéria era convicta de que não se tratava apenas de uma simples viagem, pois, de acordo com Salisbury, “o que primeiro se torna óbvio na leitura dos textos de Egéria é sua forte crença nas peregrinações. Ela se dirigira à Terra Santa para refazer o caminho de tantas figuras bíblicas tanto quanto lhe fosse possível”.²² Não resta dúvida de que Egéria tinha a Bíblia como o seu principal mapa para que pudesse ir de um local santo para o outro. De acordo com Starowieyski, ela “viajava com a Bíblia, ao chegar a determinado lugar, ela fazia ler o texto da Sagrada Escritura e recitar os salmos correspondentes ao lugar. As descrições nos dão também um interessante material arqueológico”²³ Através das próprias palavras da peregrina, podemos constatar que, de fato, cada ponto da viagem era marcado pela indicação de uma passagem bíblica

Este é o lugar chamado Horeb, onde esteve o santo profeta Elias quando fugiu da presença do rei Acab e onde Deus lhe falou, dizendo “Que fazes tu aqui, Elias?” (1Rs 19,9) – como está escrito no livro dos Reinos. Com efeito, a gruta onde se escondeu o santo Elias até hoje se vê diante da porta da igreja que existe neste lugar; também se vê aí o altar de pedra que construiu o próprio santo Elias para fazer oferendas a Deus, como se dignavam os monges a nos mostrarem cada coisa. Aí, pois, fizemos a oblação e uma oração ardentíssima, e foi lida a passagem apropriada do livro dos Reinos: isto, com efeito, havia desejado para nós com maior empenho, que, aonde quer que chegássemos, sempre fosse lido um trecho do Livro.²⁴

²⁰ ALMEIDA, R. S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 296.

²¹ STAROWIEYSKI, M., *Egéria*, p. 625-627.

²² SALISBURY, J. E., *Pais da Igreja, virgens independentes*, p. 134.

²³ STAROWIEYSKI, M., *Egéria*, p. 625-627.

²⁴ MARTINS, M. C., *Peregrinação de Egéria*, p. 73.

Alguns dados da peregrinação são muito relevantes para a arqueologia e a sua relação com os relatos bíblicos. Por exemplo, de acordo com Martins, a descrição do Monte Sinai faz com que o mesmo seja identificado com o monte atualmente chamado de Jebel Musa. Também a travessia do Mar Vermelho, situado perto da atual cidade de Suez,²⁵ é descrita, além de outras fontes, pelo relato de Egéria.

A Peregrinação de Egéria, conforme Finkelstein e Silberman é a “mais detalhada descrição feita por uma peregrina do final do século IV, em que relata como ela e seus companheiros escalaram o Monte de Deus e como os monges que viviam ali lhe mostraram cada um dos lugares mencionados nos relatos bíblicos do Monte Sinai”.²⁶ Porém, é um texto incompleto e, de acordo com Norelli e Moreschini, “não tem início nem fim, de modo que ficamos sem saber quem foi, de onde partiu (e para onde voltou) essa escritora anônima”.²⁷

O texto é dividido em duas partes: na primeira (1-23) é possível encontrar o diário de viagem aos lugares santos, com a descrição de quatro itinerários da peregrina, dentre elas, a primeira, com a descrição da viagem ao Monte Sinai. Depois para o Monte Nebo e a Carneas, assim como o seu retorno para Constantinopla. A peregrina, ao final, ainda deixou registrado o seu desejo de ir em peregrinação até Éfeso, com o intuito de visitar o túmulo de São João Evangelista.²⁸ Na segunda parte da obra (24-49), são descritos os ritos litúrgicos realizados em Jerusalém. É muito interessante o relato da peregrina sobre como era celebrada a Semana Santa em Jerusalém. Egéria é a primeira que descreve, com detalhes, a encenação dramática do Messias entrando em Jerusalém, onde o Bispo representava Jesus Cristo.

2.1. Os lugares santos

Dentro do mundo da Bíblia, o Monte Sinai figura como um dos mais visitados ao longo do tempo. De acordo com Finkelstein e Silberman, “a primeira teoria completa sobre a rota seguida pela peregrinação no deserto e a localização do Monte Sinai tem cerca de mil e quinhentos anos de idade”.²⁹ Uma construção do século VI, no centro da região montanhosa do sul do Sinai, conhecida como o “Mosteiro de Santa Catarina” é um marco construído pelo imperador Justiniano, com o objetivo de situar o suposto local do episódio bíblico da sarça ardente.

²⁵ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 34.

²⁶ FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A., A Bíblia desenterrada, p. 328.

²⁷ NORELLI, E., MORESCHINI, C., Manual de Literatura Cristã Antiga Grega e Latina, p. 490.

²⁸ STAROWIEYSKI, M., Egéria, p. 625-627.

²⁹ FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A., A Bíblia desenterrada, p. 327.

E assim, ao descer do monte de Deus, chegamos à sarça mais ou menos na décima hora. Esta é a sarça que mencionei acima, da qual, estando ela em fogo, Deus falou a Moisés, e que está neste local onde há mosteiros numerosos e uma igreja na extremidade do vale. Há, diante dessa igreja, um jardim preciosíssimo, com água ótima e abundante, e é nesse jardim que se encontra a sarça.³⁰

No topo do monte, onde está localizado o mosteiro, está o pico de Jebel Musa (em árabe, a “Montanha de Moisés”), identificado, desde o período bizantino, como o Monte Sinai. Vários textos contemporâneos fazem referências aos locais mencionados, sobretudo, a partir de fontes bizantinas, que descrevem como era a vida dos monges do Sinai, assim como a construção do mosteiro da Sarça Ardente. Logo no começo da narrativa, Egéria descreve:

Nesse momento, chegamos andando a um certo lugar, onde enfim os montes por entre os quais caminhávamos abriam-se e formavam um vale infinito, enorme, planíssimo e muito belo, e para além do vale aparecia o Sinai – monte santo de Deus. Este lugar onde se abriam os montes está ligado àquele lugar no qual estão as Memórias da Concupiscência.³¹

O local citado pela autora pode ser identificado no livro dos Números (11,34): “aquele lugar passou a se chamar Cibrot-Hataava, porque ali foi sepultado o povo dominado pela gula”. Daí o uso da expressão “os sepulcros da concupiscência”. A peregrina faz uma descrição geográfica impressionante, apontando, de forma aproximada, a distância do local onde se encontrava até chegar ao Sinai: “havia, desse lugar até o monte de Deus, talvez quatro milhas ao todo, através do vale que chamei enorme”.³² Egéria não titubeia ao descrever o que aconteceu naquele vale:

Este é o vale imenso e planíssimo onde os filhos de Israel se detiveram naqueles dias, quando o santo Moisés subiu ao monte do Senhor e lá permaneceu durante quarenta dias e quarenta noites. Este é, pois, o mesmo vale em cuja extremidade é o lugar onde, quando o santo Moisés apascentava os rebanhos de seu sogro, Deus falou pela segunda vez a ele, de uma sarça em chamas.³³

Uma descrição detalhada é feita quando a peregrina finalmente chega ao Monte Sinai: “esse mesmo monte parece ser único quando se está ao seu redor, porém, depois

³⁰ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 75.

³¹ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 59.

³² MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 61.

³³ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 63.

de entrarem nele, são vários, mas o todo é chamado ‘montanha de Deus’; no meio de todos eles está aquele específico em cujo cimo fica o lugar onde desceu a majestade de Deus, como está escrito”.³⁴ Com um nível impressionante de detalhes, Egéria consegue transportar os seus leitores até a montanha de Deus:

É realmente admirável, e eu creio que não acontece sem a graça de Deus, que aquele que fica no meio, que é chamado propriamente Sinai, isto é, aquele em que desceu a majestade do Senhor, embora seja mais alto que todos, ainda assim não possa ser visto, a menos que chegues até a sua própria base, antes, contudo, que o escales. De fato, depois que desces dali, tendo realizado esse desejo, ele se torna visível também de frente, coisa que antes que subas não é possível fazer. Isso eu já sabia antes de chegarmos à montanha de Deus, pelos relatos de nossos irmãos, e, depois que lá cheguei, vi claramente assim ser.³⁵

A peregrina registrou até mesmo uma dica sobre o modo de como deveria ser realizada a escalada dos montes: “Estes montes são escalados com infinita dificuldade, pois não podes subi-los lentamente em círculos, mas sobes em linha reta e como por uma parede. E é necessário descer os mesmos montes, um a um, em linha reta, até que chegue a raiz daquele que está no meio, que é o Sinai propriamente dito”.³⁶ Ao final da primeira parte da narrativa, especificamente sobre a visita aos lugares santos, Egéria manifestou o desejo da sua próxima viagem: “E desse lugar, senhoras, minha luz, quando entregasse essa narrativa à Vossa Afeição, já era propósito, em nome de Cristo nosso Deus, dirigir-me à Àsia, isto é, a Éfeso, para orar no *martyrium* do santo e bem-aventurado apóstolo João”.³⁷

2.2. A celebração da liturgia em Jerusalém

Na segunda parte da obra, Egéria nos presenteia com uma riquíssima descrição a respeito da celebração da liturgia em Jerusalém em todos os momentos, a “cotidiana, dominical do Tempo Comum e a das festas, ou seja, do Natal, da Quaresma (com detalhada descrição do catecumenato em Jerusalém), da Semana Santa. Finalmente temos uma breve descrição de Pentecostes”.³⁸ Se podemos indicar a obra “Tradição Apostólica”, de Hipólito de Roma, como uma referência da liturgia celebrada em Roma no século III, também podemos indicar o diário de viagem de

³⁴ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 65.

³⁵ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 67.

³⁶ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 67.

³⁷ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 147.

³⁸ STAROWIEYSKI, M., Egéria, p. 625-627.

Egéria como uma das melhores descrições realizadas a respeito da liturgia em Jerusalém, no século IV. De acordo com Norelli e Moreschini: “Ela descreve os costumes litúrgicos dessa cidade com riqueza de pormenores, fornecendo-lhes preciosos testemunhos sobre as festas e as cerimônias que se desenrolavam na época naqueles lugares”.³⁹ Portanto, as duas obras podem ser lidas e tratadas como verdadeiras pérolas da literatura cristã.

Uma das principais conclusões que podemos obter, a partir dos relatos de Egéria, é o fato de os cristãos, daquele período, serem profundamente tomados pelo dever de participarem com assiduidade das celebrações religiosas, que, diga-se de passagem, não eram poucas. De acordo com Almeida: “Para os cristãos do século IV, o domingo era realmente o dia do Senhor, quando se levantavam bem antes do amanhecer para passar horas na igreja e para lá retornarem três ou quatro vezes no dia”.⁴⁰ Nos registros da própria Egéria: “Porém, no sétimo dia, isto é, no domingo, antes do canto do galo, reúne-se toda a multidão que pode haver neste lugar, e como se fosse durante a Páscoa, na basílica que está no lugar junto à Anástase, porém do lado de fora, onde pendem luminárias para isto mesmo”.⁴¹

Através dos registros feitos por Egéria, é possível constatar que já era uma prática, entre os cristãos, a dedicação de um período especial em preparação à celebração da Páscoa. É interessante perceber que existia uma diferença entre a forma como esse período era celebrado em Jerusalém e como acontecia nas terras da peregrina:

Pois, assim como são observados entre nós os quarenta dias antes da Páscoa, aqui se observam oito semanas antes da Páscoa. Por esta razão, são observadas oito semanas: porque nos dias de domingo e de sábado não se jejua, exceto em um só dia de sábado, no qual há as vigílias pascais e é necessário jejuar-se; exceto esse dia, em todo o ano, aqui, absolutamente nunca se jejua ao sábado. Assim, pois, de oito semanas, deduzidos oito domingos e sete sábados, porque é necessário jejuar um sábado, como disse acima, restam quarenta e um dias em que se jejua, que aqui chamam Eortae, isto é, Quaresma.⁴²

É relevante o nível de detalhes apresentados por Egéria. Ao narrar, por exemplo, a hora em que os clérigos e o povo chegavam às igrejas, ela descreve: “Porém, como já começasse a amanhecer, começam então a entoar os hinos matutinos. Eis que chega o bispo com o clero e imediatamente entra na gruta e,

³⁹ NORELLI, E.; MORESCHINI, C., *Manual de Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*, p. 490.

⁴⁰ ALMEIDA, R. S., *Vozes femininas no início do cristianismo*, p. 309.

⁴¹ MARTINS, M. C., *Peregrinação de Egéria*, p. 159.

⁴² MARTINS, M. C., *Peregrinação de Egéria*, p. 173.

dentro da balaustrada, primeiramente diz uma oração em favor de todos”.⁴³ Em outra passagem no diário da peregrina, ficou registrada até mesmo a posição, dentro da celebração, em que deveriam ficar os clérigos e o povo:

Na hora sétima, todo o povo sobe ao Monte das Oliveiras, isto é, a Eleona, à igreja; o bispo se senta, entoam-se hinos e antífonas apropriadas ao dia e local, igualmente também fazem-se as leituras; e quando se começa a fazer a hora nona, sobe-se com hinos ao Imbomon, isto é, aquele lugar do qual subiu o Senhor aos céus e aí tomou o assento; pois, sempre que o bispo está presente, todo o povo é ordenado a sentar, e apenas os diáconos ficam sempre em pé.⁴⁴

Durante a celebração da Semana Santa, temos alguns momentos marcantes como, por exemplo, a procissão realizada no Domingo de Ramos. Em Jerusalém, no século IV, graças, sobretudo, ao relato de Egéria, podemos constatar que era muito semelhante ao modo como celebramos esse dia até os tempos atuais. Nas palavras de Bergamini, a partir de Jerusalém, “desabrochou e formou-se rica liturgia abrangendo o período de tempo que vai do Domingo de Ramos à Páscoa. A peregrina Etéria (fins do séc. IV) no-la descreveu no seu *Itinerarium*”.⁴⁵ A Apresentação do Senhor no Templo, outra festa litúrgica tradicional, de acordo com Aldazábal, “celebrava-se já nos finais do século IV, em Jerusalém, segundo testemunho de Etéria”.⁴⁶ Tais fatos nos fazem pensar que, pelo menos em sua estrutura principal, as celebrações litúrgicas sofreram poucas alterações, substanciais, ao longo de toda a história.

E quando já começa a décima primeira hora, é lido aquele passo do Evangelho onde as crianças com ramos e palmas correram ao encontro do Senhor, dizendo Bendito aquele que vem em nome do Senhor (Mt 21,8-9; Sl 117,26). E imediatamente levantam-se o bispo e todo o povo; avançando a partir daí, do cume do Monte das Oliveiras, se vai totalmente a pé. Pois todo o povo vai à frente do bispo, com hinos e antífonas, respondendo sempre: Bendito aquele que vem em nome do Senhor. E todos aqueles que são crianças nesses lugares, até mesmo as que não podem caminhar a pé, porque são jovens, os seus pais as têm no colo, tendo ramos, umas de palmeiras e outras de oliveiras; e assim o bispo é conduzido do mesmo modo pelo qual então o Senhor foi conduzido (Mt 21,8).⁴⁷

⁴³ MARTINS, M. C., *Peregrinação de Egéria*, p. 151.

⁴⁴ MARTINS, M. C., *Peregrinação de Egéria*, p. 189.

⁴⁵ BERGAMINI, A., *Quaresma*, p. 983-985.

⁴⁶ ALDAZÁBAL, J., *Vocabulário básico de Liturgia*, p. 37.

⁴⁷ MARTINS, M. C., *Peregrinação de Egéria*, p. 189.

Na descrição sobre o Sábado Santo, sobretudo em relação à Vigília Pascal, Egéria explicou que a celebração em Jerusalém acontecia quase da mesma forma que eles já conheciam e, por isso mesmo, ela não entrou em muitos detalhes específicos sobre tal celebração: “As vigílias pascais são feitas assim como entre nós, apenas isto que aqui se faz a mais, que os neófitos, logo que tiverem sido batizados e vestidos, quando saem da fonte, em primeiro lugar, são conduzidos com o bispo até a Anástase”.⁴⁸

3. Hipólito de Roma e Egéria: a tradição do Santo Batismo

A obra “Tradição Apostólica”, de Hipólito, apresenta uma descrição relevante a respeito da preparação para a recepção do Santo Batismo em Roma, no século III. Através do diário de Egéria, também é possível conhecermos como era realizada a mesma preparação em Jerusalém, no século IV. A primeira característica comum diz respeito ao exame da vida, pelo qual passavam todos aqueles que se candidatavam para receber o Batismo. Na Tradição Apostólica, temos o seguinte registro:

Escolhidos os que receberão o Batismo, sua vida será examinada: e viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações. E, ao testemunharem sobre eles os que os tiverem apresentado, dizendo que assim agiram, ouçam o Evangelho [...]. Se algum deles não for bom ou não for puro, seja posto à parte: não ouviu a Palavra com fé – porque é impossível que o Evangelho se oculte para sempre.⁴⁹

Na obra de Egéria, encontramos um registro similar a respeito do exame de vida dos catecúmenos. É relevante notar que ambos os textos fazem a menção de responsáveis em apresentar os candidatos ao Batismo, ou seja, os seus padrinhos e madrinhas:

E assim são chamados a vir os competentes ao Batismo, um a um; se são homens vão com seus padrinhos, mas se são mulheres, com suas madrinhas. E assim o bispo interroga individualmente os vizinhos daquele que entrou: “É este de vida honesta, honra os pais, não é ébrio ou frívolo?”. E interroga acerca de cada um dos vícios, pelo menos os mais graves no homem (...). Se o candidato é acusado em relação a alguma coisa, ordena que ele saia para fora, dizendo: “Que se

⁴⁸ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 207.

⁴⁹ HIPÓLITO DE ROMA, Tradição Apostólica, II, 42.

corrija e, quando tiver se corrigido, que se dirija ao banho batismal”. Assim diz, perguntando não apenas em relação aos homens, mas também às mulheres.⁵⁰

O rito do exorcismo também é descrito por ambos. Hipólito descreveu da seguinte maneira: “Desde o momento em que houverem sido separados, seja imposta a mão sobre eles, diariamente, e, ao mesmo tempo sejam exorcizados”.⁵¹ Egéria assim relatou: “De fato, aqui o costume é tal que os que se dirigem ao Batismo, durante esses quarentas dias em que se jejua, primeiramente sejam exorcizados cedo pelos clérigos”.⁵²

O percurso que os catecúmenos deveriam necessariamente trilhar, tanto em Roma quanto em Jerusalém, passava por um período em que eles recebiam instruções, sobretudo em relação às Escrituras. Neste aspecto, certamente, será relevante a presença dos catequistas. Em Hipólito de Roma temos a seguinte descrição: “Ouçam os catecúmenos a Palavra durante três anos (...). Ao cessar o catequista a instrução, rezem os catecúmenos em particular (...). O catequista, após a prece, imporá a mão sobre os catecúmenos (...)”.⁵³ A partir do relato de Egéria, podemos constatar também a presença dos catequistas na comunidade de Jerusalém:

Durante essas sete semanas fostes instruídos em toda a Lei das Escrituras e ouvistes sobre a fé; ouvistes também sobre a ressurreição da carne e ainda sobre toda a explicação do Símbolo, para que pudesses, pelo menos, ouvir ainda sendo catecúmenos (...). E também é ensinado tudo sobre a Ressurreição e igualmente sobre a fé, durante aqueles dias: e isto se chama catequese.⁵⁴

Deste modo, tanto a obra de Hipólito quanto a de Egéria têm muito a contribuir para o resgate histórico da forma como eram celebrados os principais ritos litúrgicos, respectivamente, em Roma, no século III, e em Jerusalém, no século IV.

Conclusão

As mulheres estão na vanguarda em relação às peregrinações aos lugares santos, empreendidas, sobretudo, a partir do século IV, com a liberdade concedida aos cristãos. Tanto Helena, a mãe de Constantino, quanto Egéria simbolizam a força desbravadora das mulheres, movidas, principalmente, pela

⁵⁰ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 223.

⁵¹ HIPÓLITO DE ROMA, Tradição Apostólica, II, 42.

⁵² MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 223.

⁵³ HIPÓLITO DE ROMA, Tradição Apostólica, II, 38.

⁵⁴ MARTINS, M. C., Peregrinação de Egéria, p. 225.

fé e devoção. Helena foi umas das primeiras mulheres peregrinas e seu exemplo fez com que outras seguissem o mesmo caminho. Graças à mãe do imperador, várias construções foram erguidas na Terra Santa e até os dias de hoje, são o destino de milhões de fiéis de todo o mundo. Quanto a Egéria, não restam dúvidas de que a sua obra representa uma importante fonte documental, tanto para a arqueologia, quanto para a história da Igreja e da liturgia celebrada nos primeiros séculos em Jerusalém, servindo de modelo para outros lugares.

Embora algumas questões continuem em aberto como, por exemplo, a real identidade da autora, e alguns aspectos de sua vida social, econômica e cultural não sejam muitos conhecidos, é inegável o valor da obra, quando considerada, sobretudo, do ponto de vista religioso, pois afinal de contas, foi o principal motivo da peregrinação de Egéria aos lugares santos.

Referências bibliográficas

- ALDAZÁBAL, J. **Vocabulário básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ALMEIDA, R. S. **Vozes femininas no início do cristianismo**. Império Romano. Perseguição. Igreja primitiva. Papel feminino. São Paulo: Hagnos, 2017.
- AQUILINA, M.; BAILEY, C. **Madres da Igreja**. O testemunho das cristãs primitivas. São Paulo: Loyola, 2018.
- BERGAMINI, A. Quaresma. In: TRIACCA, A.M.; SARTORE, D. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 983-985.
- COELHO, F. M. Viagem e peregrinação na Antiguidade Tardia: narrativa do conhecido. **Projeto História**, v.42, p. 353-371, jan./jun. 2011.
- EUSEBIO DE CESAREIA. **Vida de Constantino**. Madrid: Editorial Gredos, 1994.
- FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. **A Bíblia desenterrada**. A nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados. Petrópolis: Vozes, 2018.
- HIPÓLITO DE ROMA. **Tradição Apostólica**. Liturgia e catequese em Roma no século III. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOPES, G. **Pilares da Igreja**. O papel da mulher na história da salvação. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MARTINS, M. C. A peregrinação de Egéria no contexto cultural das peregrinações aos lugares santos no século IV. **Atas do II Seminário**

Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais. Universidade de Caxias do Sul, p. 30-44, 2014. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/II-Sillpro-Trabalhos-Completos_3.pdf> Acesso em: 30 set. 2022.

MARTINS, M. C. **Peregrinação de Egéria.** Uma narrativa de viagem aos Lugares Santos. Uberlândia: Edufu, 2017.

MARTINS, M. C. S. A peregrinação de Jerônimo e Paula. **Translatio**, n.20, p.198-230, dez. 2020.

NORELLI, E., MORESCHINI, C. **Manual de Literatura Cristã Antiga Grega e Latina.** Aparecida: Santuário, 2005.

ROPS, D. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires.** São Paulo: Quadrante, 2014.

SALISBURY, J. E. **Pais da Igreja, virgens independentes.** São Paulo: Página Aberta, 1995.

STAROWIEYSKI, M. Egéria. In: SIMONETTI, M.; FEDALTO, G., DI BERARDINO, A. (Orgs.). **Dicionário de Literatura Patrística.** São Paulo: Ave-Maria, 2010. p.625-627.

Marcelo Massao Osava

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: marcelorb@gmail.com

Recebido: 13/09/22

Aprovado: 14/12/22